

C.M.B.
BibliotecaC. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Tipografia «Vitória»

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» — BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silveira

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silveira

A perpetuidade de Pio XII

Por ANTÓNIO BAPTISTA

PIO XII, o expoente máximo e o defensor autorizado da ordem e da moral, pereceu. Porém, a sua obra plena de doutrinação, perpetuar-se-á enquanto o mundo for mundo.

« Pio XII pode bem ser saudado por todos como o defensor indefectível da civilização humana ». Esta frase, plasmada pelo génio do Cardeal Cerejeira traduz, em síntese, a essência sublime do homem-santo que o Além recolheu.

D. Fernando Cento disse do Papa Pio XII, o seguinte:

« Pio XII... esse insigne Papa, que, à parte os Seus atributos inerentes à dignidade pontifícia, é, como mortal, uma das maiores figuras de todos os tempos.

Nele acumulou Deus os dons mais elevados e mais nobres. Inteligência aguda, feita tanto para as análises mais penetrantes, como para as sínteses mais luminosas, cultura vastíssima, até para além das esferas puramente teológicas, assombrosa capacidade e assistência no trabalho, piedade seráfica, misericórdia que socorre todas as necessidades e irradia nas trevas clarões celestiais, acerada intrepidez na defesa dos direitos divinos e humanos: eis apenas algumas das suas características mais salientes ».

Era assim o grande homem e grande santo, que a humanidade perdeu.

Também o Prof. Luís de Pina, da Universidade do Porto, falou assim de Pio XII:

« Como Doutor, como Apóstolo e como Pai a todos responde Pio XII, a esclarecer, iluminar, a orientar, a corrigir. E o que são, o que dizem os seus discursos, inundados pela luz superior da Justiça e da Verdade, que são a própria voz do Omnipotente! »

Assim foi em vida o grande Papa Pio XII, que a história do mundo recolherá para bem da Humanidade e para glória da Igreja.

Os Pensamentos do Mês

O ruim pregando é vide entre silvas; colhamos o cacho, mas guardemos a mão.

SANTO AGOSTINHO

A paixão faz com que muitas vezes condenemos em uns o que aprovamos em outros.

QUESNEL

O Traje Minhoto

(Continuação do número 62)

Traje Azul

EM Santa Marta há outro vestuário menos festivo que é sem dúvida para todos os espíritos cultivados um traje «à lavradeira» de singular encanto. Chamam-lhe «traje azul», se bem que o azul não seja a cor predominante e até por vezes fique quase reduzido à pequenina mancha de alguma florizita, esquecida entre as ramagens dos lenços. As cores que se salientam do tecido preto da saia e do avental são o roxo, o verde e secundariamente o amarelo e o branco.

Há saias de extrema simplicidade: pretas com estreitas riscas brancas verticais de vez enquando — mas há saias em que o enfeite das listas é levado a extrema complicação. Não é em Santa

Marta que se encontram destas saias últimas, mas noutras aldeias próximas — pois tal vestuário embora geralmente chamado de «Santa Marta», é usado noutras povoações do interior do concelho, como Pêrre, Meadela, Outeiro e Serreleis.

O colete: — de «cinta» preta é esverdeado com bordados a verde, azul e amarelo.

A algibeira: — de baeta azul é fartamente bordada a missanga, lendo-se-lhe na parte superior a palavra «VIVA».

Os lenços: — o da cabeça e o do peito — são cor de café moído com ramagens das cores: verde, lilás e branca.

A camisa: — é bordada a azul nas ombreiras e nos punhos, tal qual a do fato «vermelho».

(Continua na página 2)

SONETO

Vem do fundo dos tempos esta ânsia
Da Ventra Maior. Eu, em mim, trago-a
da bruma que antecede a minha infância
e sinto-a crepitar na minha mágoa.

Ânsia que é asa aberta a pedir voo;
braço estendido a implorar estrelas:
sarça ardente e sagrada a que me dou
em holocausto por manhãs mais belas.

Vem do fundo dos tempos este anseio
Duma paz que destrua a dor em nós
e dentro em nosso coração se aloje.

Sonho que a guerra tem deixado em meio...
Sonho que anda nos olhos e na voz
dos que haverão de realizá-lo hoje.

Alexandre de Melo e Alvim

O Traje Minhoto Aniversários

(Continuação da página 1)

O decote que aparece em algumas raparigas é obtido revirando a camisa para baixo do lenço do peito.

O "traje azul", é usado para luto.

Traje de Mordoma

Chama-se a este traje de "Mordoma" porque era envergado inicialmente pelas mulheres e raparigas encarregues de dirigir as festas e as procissões. Compõe-se de:

Saia:—preta de fazenda enfeitada de barras de veludo preto orladas às vezes de vidrilhos.

Colete preto sem mangas:—muito simples, de abotoar ao lado e às vezes com um ligeiro bordado ao meio ou uma espinha que o atravessa longitudinalmente. Pode usar-se em vez deste uma jaleca com mangas, cintada, e também muito simples.

O avental:—é a peça mais trabalhada e mais bonita do traje. Pode ser em veludo preto e tem geralmente a parte de baixo completamente bordada a vidrilhos. Estes podem ser "prateados", "pretos" ou "cor de Luar" (com reflexos azulados e verdes). O bordado em geral é composto de barras horizontais e gregas e no meio uns arabescos com um escudo ao centro.

A blusa é branca lisa:—de mangas tufadas.

O lenço da cabeça:—pode ser de cor laranja, amarelo (liso de seda) ou então de seda branca.

Este traje é usado também com bastante ouro e as mordomas geralmente levam um "palmito" na mão (vela cuja forma é absolutamente tapada com flores de papel prateado branco e de cores, aparecendo unicamente a descoberta a parte de cima). Geralmente este palmito segura-se envolvendo-lhe a ponta com um lenço branco grande que fica com as pontas caídas.

As chinelas:—são pretas, bordadas e as meias brancas rendadas.

O lenço ata simplesmente de baixo do queixo.

Traje de Noiva

Este traje, talvez, oriundo e bem característico da freguesia de Pêrre.

Mais tarde divulgou-se por algumas freguesias (Santa Marta e Meadela) do Concelho de Viana do Castelo, bem como a de Balugães, do de Barcelos. Este, porém, menos característico e já, talvez um pouco modificado, e a que me referirei mais adiante.

É um traje bastante parecido com o de Mordoma.

Noiva

A saia:—é preta de fazenda baeta, lisa ou enfeitada com barras de veludo ou com um bordado simples de "vidrilhos". Pode ter uma barra plissada na ponta.

O avental:—é também lindamente bordado de "vidrilhos" como o de Mordoma sendo o desenho do bordado no mesmo género do de "Mordoma", também.

Jaqueta preta cintada:—de manga comprida. Pode ser lisa ou bordada também, a vidrilhos, principalmente no sítio da cintura. Esta jaqueta varia muito no tecido assim como o de "Mordoma". Pode ser em sitineta; cetim; seda adamascada; veludo e até em penas de galinha. Pode ser só até à cintura ou então com um bocado de anquinha ou com rabichos, conforme a região. Este traje de noiva não se pode dizer que pertença originalmente a Santa Marta, como já atrás me refiro. Era, depois de uma época, o traje de luxo de quase toda uma parte da região minhota (região de Viana do Castelo), tendo sido enriquecido imenso com bordados—vidrilhos, pelas tecedeiras de Santa Marta, Meadela, Serreleis, Cardielos, etc... Por cima bastante ouro.

O lenço da cabeça:—pode ser de seda branca; tule ou de Cambraia ou Bobinete, caído simplesmente nos ombros, ou então com as pontas engomadas e atadas sob o queixo. Embora agora já raramente se veja o véu de noiva, antigamente era usado sobre uma espécie de coifa de rede toda enfeitada a vidrilhos. O lenço era posto um pouco atrás e parecia assim uma parte da coifa a descoberto.

Na mão:—a noiva usa um "bouquet" pequenino de flores que segura com o auxílio dum lenço como o palmito de "Mordoma".

Chinelas:—bordadas e meias rendadas.

Noivo

Calça:—preta lisa.

Jaqueta:—preta com uma fiada de botões brancos de cada lado do casaco e nas mangas. Fecha com 3 alamares.

Camisa:—branca e lisa.

Chapéu:—preto.

Traje de Trabalho

Saia «Avergastada»:—com forro azul forte, debruada a nastro.

Colete:—azul também, apertado ao lado, enfeitado a espiquilha preta e branca.

Blusa:—branca e lisa.

Lenço:—de cor lisa—na cabeça.

Fazem anos no corrente mês, os nossos seguintes companheiros:

DIA 1—Maria Rosa Carvalho Rodrigues e Idalina Glória Dolores Arantes.

DIA 2—Maria José Jesus Margarido, Maria Azevedo Gomes e Maria Arminda Sousa Dias.

DIA 3—Maria Carmo Duarte Simões, Silvino Pereira Magalhães e Rosa Gomes Silva.

DIA 4—Ludovina Torres Carvalho.

DIA 5—António Ricardo Lourenço e Maria Conceição Costa Miranda.

DIA 6—Mário Sousa Tavares, Joaquina Carvalho de Barros e João Abreu Silva.

DIA 7—Jorge Sameiro Torres Carvalho, Maria Emilia Miranda Sousa e António Francisco Silva Figueiredo.

DIA 8—António Eduardo Apolinário Alves Baptista.

DIA 9—Teresa Coelho Peixoto e Joaquim Gonçalves Duarte.

DIA 10—Manuel Augusto Silva Pereira, Maria Isolete Lopes Machado, Maria Fátima Santos Araújo e Maria Emilia Silva Pereira.

DIA 11—Ana Fernandes Du-rães, Deolinda Vilas Boas Cunha e Joaquim Evaristo Silva Leal.

DIA 12—Maria Ernestina Costa Marinho, Miguel Cândido Ramos Gonçalves e Adelino Jesus Teixeira Santos.

DIA 13—Angelina Felgueiras Arezes, Maria Lourdes Ferreira Ribeiro e Teresa Rosário Costa Marinho.

DIA 14—Margarida Sousa Marques e Maria Helena Oliveira Pereira.

DIA 15—Ester Teixeira Veríssimo, Maria Glória Amaral Miranda Arantes e Maria Carolina Correia Calheiros.

DIA 16—José António Azevedo Lopes, Maria Glória Santos Cunha, Engrácia Jesus Rodrigues e Bertelina Simões Lopes.

DIA 17—Maria Prazeres Miranda Santos, Maria Lourdes Silva Gomes, Maria Conceição Costa Vilas Boas, Maria Balbina Ferreira Silva e António Gomes Lima.

DIA 18—Deolinda Luz Costa Magalhães, Emilia Gomes Faria, Manuel Lopes Silva, Magnífica Jesus Santos Faria Silva e Augusto Cândido Carvalho Amaral.

DIA 19—Maria Arminda Cruz Araújo, Domingos Coelho Peixoto e Maria Alzira Soares Costa.

DIA 20—Augusta Vitória Silva, Maria Glória Gandarela Vasques, Maria Adelina Gomes Miranda e Rosalina Oliveira Pereira.

DIA 21—Albina Noémia Ribeiro Santos.

DIA 22—Albertina Vaz.

DIA 23—José Monteiro.

DIA 24—Maria Carmo Simões, Maria Adelina Pereira Duarte, Maria Prazeres Santos Carvalho, Maria Conceição Dantas Silva e Ludovina Alice Lopes Tavares.

(Continua na página 3)

Avental:—"avergastado" até meio com a outra metade bordada com desenhos geométricos—quadrados e retângulos amarelos, verdes, cinzentos e azuis—bordados a relevo (tecidos na própria fazenda).

Peúgos:—brancos (estes peúgos não têm pé, são só a parte da perna).

Chinelas:—pretas e lisas.

Ouro:—pouco, geralmente só um fio ou cordão.

É, também, bastante interessante a saia de S. Lourenço de Montaria que atinge um grau de complicação enorme. O forro é preto esbicado por cima. À distância tem-se a impressão de que a saia negra é cortada verticalmente de espaço a espaço, por listas ora verdes, ora roxas; nestas listas, porém, a cor não é seguida; a cor aparece em bordados salientes a "Moscas" e feitos muito variados; faixas oblíquas; faixas cruzadas, linhas quebradas, ângulos, losângos, ângulos e losângos separados por faixas transversais... etc... etc.

Estas listas são marginadas por filetes brancos e verdes e listazinhas verdes com filete preto, intermédio, e fiadas de "moscas" de cor entre filetes brancos... É tudo enfim, de tal variedade, que, para assim dizer, não há uma lista igual a outra.

E nos intervalos das listas, no próprio tecido negro, há faixas verticais de bordados a moscas pretas variadíssimas na mesma. Estas saias negras com os seus pitorescos bordados verdes e roxos, oferecem no seu aspecto geral, um efeito surpreendente e maravilhoso não só pelo trabalho estupendo de tecedeira como pela riqueza dos recursos artísticos que ele tem de possuir para variar de tal maneira e com tal mimo, o desenho dos ornatos servindo-se tão somente de moscas e filetes.

(Continua)

OBS.—Rectificamos as gralhas do número anterior: efeites, colação e otidas, que devia ser, respectivamente, enfeites, colocação e obtidas.



PAGINA FEMININA

Dirigida por MARIA LÚCIA

Responsabilidades das mães na educação dos filhos

DEPOIS de nos curvamos piedosamente ante a memória de Pio XII, depois de, pelo seu descanso no seio do Senhor, elevarmos as nossas orações, depois de exaltarmos e admirarmos a sua figura notável de Homem e Ministro de Deus, recolhemos uns momentos e deixamos que, no nosso coração, se imprimam as palavras que Ele dirigiu às mulheres, mães das gerações dos nossos dias. Num apelo sugestivo mostrou-lhes as suas responsabilidades, os seus deveres e os direitos dos seus filhos — seres indefesos, vítimas muitas vezes, de egoísmos, de desleixos e da ignorância dos próprios pais que não avaliaram a responsabilidade da sua missão.

Escutai Pio XII, meditai... e fazei por compreender a beleza da vossa tarefa de educadoras, na ternura das suas palavras. Que os vossos filhos lhe possam, amanhã, elevar as mãos numa prece agradecida.

"Ora vede a coisa estranha... enquanto não passaria pela ca-

Aniversários

(Continuação da página 2)

DIA 26 — Maria Alice Pereira Almeida e Maria Clotilde Gonçalves Loureiro.

DIA 27 — Miguel Azevedo Pereira Machado, Maria Paulina Cerqueira Alves, Ana Carvalho de Barros e Maria Jesus Lourenço Rodrigues.

DIA 28 — Maria Carmo Barros Costa Freitas, Maria Gomes Barros Mesquita e Manuel Oliveira Lucas.

DIA 29 — Manuel José Pereira Miranda Cibrão e Maria José Rodrigues.

A todos, os nossos parabéns.

beça de ninguém fazer-se de repente, sem tirocínio nem preparação, operário mecânico ou engenheiro, médico ou advogado, todos os dias não poucos rapazes e raparigas desposam-se e unem-se sem haverem pensado, por um instante sequer, na preparação para os árduos deveres que os esperam na educação dos filhos. E, contudo, se S. Gregório não duvidou chamar a todo o governo das almas "ars artium", a arte das artes, é certamente arte difícil e laboriosa a de plasmar bem as almas das crianças; almas tenras, fáceis em deformar-se por impressões imprudentes ou por falsos estímulos, almas das mais difíceis e delicadas para se guiarem, nas quais muitas vezes, mais que na cera, uma influência funesta ou um descuido culpável bastam para lhes imprimir vestígios indeléveis e perniciosos.

Felizes aquelas crianças que encontram na mãe, junto do berço, um segundo anjo da guarda para a inspiração e caminho do bem! Enquanto, por isso, Nos congratulamos convosco por tudo o que felizmente já tendes feito, não poderemos, senão com novo e mais quente entusiasmo animar-vos a desenvolver cada vez mais as belas instituições que, como a "Semana da Mãe", se esforçam eficazmente por formar em toda a ordem e classe social educadoras que sintam a altura da sua missão, prudentes no espírito e na conduta perante o mal, seguras e solícitas para o bem. Em tal sentimento de mulher e de mãe está toda a dignidade e reverência da fiel companheira do homem, a qual, como coluna, é o centro, o sustentáculo e o farol da habitação doméstica.

A acção educadora da mãe há-de começar logo na mais tenra idade. Não admite delongas. No campo da educação, adiar é comprometer.

Por isso, o Santo Padre fala desta urgentíssima obrigação:

A mãe foi dada por Deus a missão sagrada e dolorosa, mas também fonte de puríssima alegria, da maternidade, e à mãe é, mais que a outrem, confiada a educação da criança, nos primeiros meses e anos. Não falaremos de ocultas heranças transmitidas pelos pais aos filhos, da influência tão importante na futura fisionomia do seu carácter; heranças que por vezes acusam a vida desregrada dos pais, gravemente responsáveis por tornarem, com o seu sangue, talvez bem difícil aos filhos uma vida verdadeiramente cristã. Ó pais e mães, a quem a fé de Cristo santificou o mútuo amor, preparaí, já antes do nascimento do filho, o candor da atmosfera familiar, em que os seus olhos e a sua alma se abrirão à luz e à vida; atmosfera que deixará o bom odor de Cristo em todos os passos do seu progresso moral.

Vós, ó mães, que, por serdes mais sensíveis, sois também mais ternamente amadas, durante a infância dos vossos filhos deveis segui-los a toda a hora e momento com o vosso olhar vigilante, e velar pelo seu crescimento e pela saúde do seu pequenino corpo, porque é carne da vossa carne e fruto das vossas entranhas. Pensai que aquelas crianças, adoptadas no baptismo como filhos de Deus, são as almas predilectas de Cristo, cujos anjos vêem sempre a face do Pai celeste. Também vós no guardá-los, no fortalecê-los, no educá-los, deveis ser outros anjos, que no vosso zelo e vigilância olhais sempre para o Céu.

Desde o berço, deveis iniciar a educação não só corpórea mas também espiritual; porque se os não educaís vós, eles mesmos educar-se-ão a si, bem ou mal. Recordai que não poucos traços, mesmo morais, que vedes no adolescente e no homem adulto, têm realmente origem nas formas e nas circunstâncias do primeiro desenvolvimento físico da infância: hábitos puramente orgâni-

cos contraídos em pequenos, mais tardes tornar-se-ão talvez duro obstáculo para a vida espiritual da alma. Vós fareis, portanto, tudo por que os cuidados tidos com os vossos filhos estejam de acordo com as exigências da higiene perfeita, de forma a preparar neles e a fortalecer, para o tempo em que lhes alvorecer o uso da razão, faculdades corpóreas e órgãos são, robustos, sem desvios de tendências: eis porque muito é de desejar que, salvo o caso de impossibilidade, a mãe amamenta ela própria o filho do seu seio. Quem pode descobrir as misteriosas influências que no crescimento daquela criança exerce a ama de quem depende inteiramente no seu desenvolvimento?

Transcrito do livro: «Pio XII e os Grandes Problemas do Homem».

Boletim Social da TEBE

«O Barcelense», de 18 de Outubro, referindo-se ao aniversário do nosso «Boletim», dirigiu-nos as seguintes palavras:

"Este nosso prezado colega local, que é superiormente dirigido pelo nosso amigo, Snr. António Baptista, distinto Jornalista, completou cinco anos, motivo porque felicitamos todos os colaboradores deste belo mensário."

Também o «O Despertar», de Coimbra, de 1 de Outubro, disse:

"Esplêndido é o seu número comemorativo do 5.º aniversário deste simpático «Boletim», que se publica em Barcelos, e é dirigido pelo sr. António Baptista.

É um número que honra todos quantos nele trabalharam — com boa colaboração e bom aspecto gráfico.

Cumprimentamos afectuosamente o seu Director e quantos o acompanham na sua missão jornalística."

VISADO PELA CENSURA

As senhoras de bom gosto continuam a dar preferência às malhas TEBE

Discurso proferido pelo Senhor Ministro das Corporações e Previdência Social

(Continuação do número anterior)

Sabe-se que a melhoria do poder de compra das classes de mais baixo padrão de vida é aproveitado normalmente para a aquisição de bens de consumo, que, desta forma, passam a ser objecto de maior procura. Desde que a oferta não cresça na mesma proporção, o equilíbrio tenderá a operar-se pela subida dos preços, isto é, o aumento de salários poderá acabar por não trazer quaisquer vantagens reais. Para neutralizar tal inconveniente, torna-se forçoso criar condições que garantam mais larga oferta de bens de consumo, o que se conseguirá ou fomentando o aumento da sua produção interna ou abastecendo o mercado através da importação, devendo, neste caso, serem encaradas, ao mesmo tempo, as providências necessárias para impedir quaisquer prejuízos para a economia nacional.

Por outro lado, o acréscimo do custo da produção só se evitará através de uma maior e mais racional produtividade, infelizmente longe de ser estimulada, como devia, pela generalidade dos dirigentes patronais e pelos trabalhadores.

Neste campo, temos todos de nos empenhar em instaurar nos patrões, nos técnicos e nos operários mais perfeita consciência dos seus interesses e deveres. Se não produzirmos mais e melhor, como poderemos aumentar a riqueza nacional e dar corpo a uma política que corresponda aos melhores anseios de justiça e de paz?

Já há tempos expus a orientação do Governo acerca do estabelecimento das remunerações do trabalho. As breves considerações de hoje, incidindo sobre outros pontos da mesma questão, destinam-se sobretudo a evidenciar que a política de salários está por natureza associada à política económica. Nem deverá perder-se de vista que o aumento real do poder de compra das classes humildes pode constituir relevante factor da expansão dos mercados e, portanto, do crescimento económico.

Mas este pensamento de apropriada repartição dos rendimentos terá de materializar-se fundamentalmente — não é demais repeti-lo — no plano das relações internas de empresa, sobretudo através da "justa repartição dos frutos do trabalho de todos". A própria política fiscal, ao captar, noutro plano, os excessos de rendimento, não poderá suprir, a não ser em pequena medida e por forma indirecta, as injustiças que hajam sido cometidas na remuneração do trabalho.

Neste espírito, o Ministério manterá com os outros sectores interessados o entendimento que se impõe e continuará a estimular a celebração de convenções

colectivas de trabalho, sem deixar de proceder, sempre que as circunstâncias o exijam, à fixação normativa dos ordenados e salários justos.

Não se perde, aliás, de vista que pode vir a mostrar-se oportuno rever certos quadros jurídicos e institucionais, em ordem a dar mais eficiência ao sistema da celebração das convenções colectivas. O Ministério, sobretudo através do Centro de Estudos, está já a ocupar-se do problema, e as conclusões a que se chegar serão, na altura própria, devidamente ponderadas à luz das conveniências sociais e políticas.

IV

Acesso à propriedade do lar

NINGUÉM pensará que se pretende confinar a política social a uma política de salários até porque, como se viu, pode acontecer que se torne desvantajoso, mesmo para os trabalhadores, o aumento de remunerações directas, se este se não verificar em determinadas circunstâncias e não se tomarem as cautelas aconselhadas pelas realidades económicas e pela experiência.

O conceito de política social é, de facto, muito mais vasto e mais rico. Assim, não seria lícito conceber tal política — desligada da ideia da dignificação do homem, através sobretudo da promoção social e da estabilidade da família. Facultar aos homens a possibilidade de se valorizarem e de subirem na hierarquia social — na medida em que esta seja legítima, porque se o não for não se tratará de verdadeira hierarquia — deve constituir finalidade essencial a alcançar pelos governos, pelas instituições e pelas pessoas.

Embora a Organização Corporativa tenha a dizer uma palavra sobre o assunto, não é meu intento falar agora do acesso à instrução e à cultura, que devem progressivamente passar a ser direito de todos e não privilégio de alguns. Quero tão somente proclamar neste momento a necessidade de criar as condições materiais, jurídicas e psicológicas destinadas a promover, com a maior largueza possível, o acesso dos trabalhadores à propriedade. A propriedade é reconhecida pela melhor doutrina como direito natural e condição de independência e de continuidade da família.

Compreende-se, em face deste postulado, que a propriedade da habitação familiar assuma especialíssimo valor para a inteligência e para a sensibilidade dos que trabalham por uma sociedade moldada nos princípios da sociologia cristã.

Entre nós, a instituição, há vinte e cinco anos, do regime da casa económica, ou seja, a casa de propriedade resolúvel, surgiu como o primeiro passo para, através do lar próprio, se favorecer a ascensão social dos trabalhadores e dos servidores do Estado e a estabilidade das suas famílias.

Mais tarde, em 6 de Julho de 1955, o meu ilustre antecessor subscreveu o importante diploma que permitiu a construção de casas económicas em cooperação com o Ministério das Obras Públicas, mediante a aplicação dos capitais da previdência. O alcance desta medida pode desde já aferir-se pelo investimento de perto de 135.000 contos na construção dos bairros da zona da Boavista, no Porto, e dos de Benfica e de Queluz, formados por cerca de 1.500 moradias, estando prevista para os próximos anos a aplicação, em diferentes localidades do País, de mais de 450.000 contos.

A nova Lei sobre a cooperação das instituições de previdência e das Casas do Povo na luta contra a crise de alojamentos integra-se no mesmo pensamento, pois abre ainda mais dilatados horizontes à construção, de casas económicas e prevê a possibilidade de passarem ao regime de propriedade resolúvel as habitações, independentes ou em andares, construídas ou a construir no sistema de casas de renda económica. Mas o que confere a esse diploma excepcional relevância é o facto de nele se consagrar o princípio da concessão de créditos aos beneficiários da previdência para contruirem a sua casa.

Esta Lei encerra em si virtualidades que urge fazer frutificar por toda a parte, e feliz me sentirei se os princípios que a informam vierem a ter, como é de esperar, extensa aplicação noutros sectores públicos ou privados. Sei, pelo menos, que algumas empresas interessadas em construir com dinheiros mutuos pela Previdência casas para o seu pessoal pensam louvavelmente em as ceder aos trabalhadores, em propriedade resolúvel ou através de modalidade equivalente.

Quando, há um ano, revelei que as caixas de previdência estariam dispostas a empreender a construção maciça de casas de renda económica em Lisboa e até a cooperar ou aceitar cooperação no alojamento das famílias que vivem em barracas ou em condições igualmente deficientes, movia-me ainda o mesmo propósito de contribuir para o acesso à propriedade e para a estabilidade do lar. Na verdade, as casas de renda económica podem, como se disse, converter-se em casas de propriedade resolúvel, e a construção em larga

escala de habitações provocaria uma contracção bem necessária nas rendas praticadas na capital, com benefício palpável para muitas famílias de trabalhadores e da classe média. Se as circunstâncias, que não têm sido muito propícias, se modificarem, ao Ministério será possível autorizar durante os próximos anos o investimento de cerca de um milhão de contos na construção de alguns milhares de casas na zona de Lisboa. Devo mesmo declarar que não se desistirá do intento, em virtude do salutar reflexo que tal iniciativa terá na política de desproletarização a que urge nos votemos com energia.

V

Acesso à propriedade da terra

MAS se a propriedade da casa se reveste do maior interesse moral, social e político, o acesso à propriedade da terra assume, por análogas razões, importância que seria ocioso sublinhar. A elevada percentagem de assalariados que a nossa população agrícola comporta confere ao problema flagrante actualidade e especial melindre.

O segundo Plano de Fomento considera-o, e ele não pode deixar de interessar ao Ministério das Corporações. A questão é essencialmente de carácter social e sobre ela têm de se debruçar os sociólogos e os juristas para determinarem as causas e a extensão do fenómeno e para definirem, além do mais, o sentido e a forma que o instituto da propriedade deve assumir. A organização corporativa e designadamente as Casas do Povo e as respectivas Federações devem ocupar lugar primacial na aplicação dos princípios que vierem a presidir à solução do problema, pois é da sua natural competência a protecção do trabalho agrícola e a valorização das comunidades rurais.

Estou a pensar, sobretudo, na necessidade de se tirarem todos os benefícios sociais das grandes e notáveis obras da hidráulica agrícola que de forma tão eloquente atestam a alta competência técnica dos engenheiros portugueses. Se é mister aumentar a produção, desenvolver a racional rotação das culturas, distribuir o trabalho ao longo do ano com redução do recurso ao pessoal migratório, elevar o nível de vida dos trabalhadores do campo — pois seria dolorosíssimo que o dinheiro de todos servisse apenas para aumentar os rendimentos dos que já são ricos ou muito ricos — imprescindível se torna também não só contrariar com coragem a consolidação e alargamento do regime latifun-

As malhas TEBE

CAMINHAM POR TODAS
AS RUAS DE PORTUGAL

Não receiam confrontos...

diário e o absentismo patronal como principalmente melhorar a nossa estrutura agrária pelo acesso mais amplo à propriedade da terra.

Creio não poder duvidar-se das vantagens de toda a ordem que há em fomentar as explorações agrícolas tipo familiar, especialmente nas regiões que com capitais da comunidade foram beneficiadas pela rega. Só elas tornarão possível a variedade de culturas, a fixação dos trabalhadores e suas famílias, a regularização das condições de prestação de trabalho durante o ano e contribuirá para uma mais justa repartição dos rendimentos e para uma promoção social, verdadeiramente cristã, das populações rurais.

Por isso aqui se deixa também esta nota reveladora do sentido da política que advogamos e procuraremos realizar, arrostando, se necessário, com a incompreensão de quantos teimam em não aceitar as exigências da justiça e os direitos dos demais.

VI

A empresa — comunidade de trabalho

E pelo que respeita à empresa, especialmente à empresa industrial ou mercantil? A questão da reforma de estrutura da empresa tem sido levantada ultimamente por alguns pensadores católicos e a ela se tem referido ainda um ou outro economista de formação diferente e, por isso, com preocupações também diferentes. Todos os cuidados são poucos ao aflorar-se problema tão delicado. Convém, antes de mais, ter presente que a economia corporativa não contende com a existência de empresários e assalariados. Esta diferenciação social não constitui, por si, prova de que a luta de classes é inevitável. Efectivamente o contrato de trabalho ou de prestação de serviço não é, em si, condenável. Se afirmássemos o contrário, além de imprudentes, cometeríamos um erro sério até pelas confusões a que tal afirmação daria lugar. Nem pode invocar-se qualquer texto autorizando que considere obrigatória, sob o ponto de vista moral, a transformação do contrato de trabalho em contrato de sociedade.

Isto não obsta a que se repute desejável, em determinadas circunstâncias e garantida a conveniente educação dos trabalhadores, a participação destes nos lucros das empresas e mesmo em certos aspectos da vida interna da empresa que tocam directamente na personalidade e nas condições de trabalho dos assalariados. Tal orientação poderá mostrar-se particularmente aconselhável nas grandes concentrações industriais ou nas empresas onde se hajam investido dinheiros públicos ou de origem social. A solução teria interesse para patrões e trabalhadores e poderia "suavizar" ou "temperar" o contrato de trabalho.

Aqui fica a ideia a que temos de voltar, porque ela é entre nós susceptível de aplicação por via corporativa, uma vez divulgadas as suas vantagens económicas e sociais e devidamente preparados os espíritos de patrões e trabalhadores. Será este ainda um processo eficaz de personalização do trabalhador e de entendimento das classes, tanto mais que está a ganhar raízes, no espírito de alguns economistas, preocupados com as perspectivas da nossa integração no Mercado Comum Europeu, a tendência para a concentração das unidades fabris. A reorganização industrial apresenta-se, de facto, como necessidade de primeira ordem, mas todos os cuidados serão poucos para se evitarem exageros e para se tomarem, a tempo, medidas destinadas a eliminar ou minimizar as graves consequências que para o equilíbrio social ela pode ocasionar.

Ainda há três meses, ao salientar que o espírito de solidariedade nas relações de trabalho terá de radicar-se não apenas nas Corporações mas também no seio das empresas, asseverei que a reforma destas há-de surgir como imposição lógica da doutrina e como necessidade social de primeira ordem, à medida que se avance na estruturação corporativa.

A criação do Serviço Social do Trabalho, a próxima constituição de comissões de segurança nos locais de trabalho e a expansão dos centros de alegria nas empresas obedecem já ao propósito de ensaiar novas modalidades de cooperação entre as entidades patronais e os empregados e assalariados.

(Continua no próximo número)

Secção Desportiva

Oquei em Patins

Taça Latina

Na altura em que escrevemos estas linhas, estamos a poucas horas do começo deste certame, que este ano se realiza em Barcelona.

Não vai a equipa Nacional no melhor da sua forma, mas os contratemplos surgiram e agora só há que esperar dos atletas portugueses todo o brio.

Acúrsio não veio por não lho permitir o seu emprego e Velasco, não veio porque não quis. Correia dos Santos, o veterano destas andanças, parece querer dizer aos novos, o que vale a vontade. Oxalá o nome e o prestígio de Portugal e do seu oquei não saiam diminuídos deste torneio. Não, não sairão quase o afirmamos.

Jogos inter-selecções

E' já no próximo dia 1 de Novembro que no Limia Parque, em Viana do Castelo, se realiza o primeiro destes encontros, entre as selecções AA e BB de Barcelos e daquela cidade. Esperamos que estes «rendez-vous», tragam maior compreensão para a causa desportiva.

No próximo número, faremos referências especiais acerca deste assunto.

Convite

A Direcção do Clube Desportivo da TEBE, tem o prazer de convidar todos os seus associados, a inscreverem os seus filhos, com a idade superior a nove anos e inferior a dezasseis, no curso de preparação física a iniciar brevemente.

A DIRECÇÃO

FUTEBOL

Actividades do Gil Vicente

Depois de incertos resultados e ainda mais incertas exibições, o clube representativo da nossa TERRA, no Campeonato Nacional da II Divisão, parece querer vencer todos os factores psicológicos que o atormentavam.

Bom é que a massa associativa e toda a população Barcelense, se compenetre de que a moral forte, é preponderante no desfecho de um desafio e não poupe incitamentos, a levar o Gil ao lugar, de pelo menos desafogo, na tabela da classificação.

A provar o que citamos, está bem patente o jogo em Santo Tirso onde o público (em grande número) Barcelense, esforçou-se, sacrificou-se, mas regressou com alegria.

W. E.

As Louças de Barcelos

As Canecas Vidradas

(Continuação do número 62)

É curioso notar que são os fabricantes de canecas e os das louças polidas que melhor tem preservado os seus produtos de influências alheias e só agora, os canequeros, estão a «fugir», a querer arremedar outros modelos. A nossa época é, por excelência, o período áureo do «decalque»; o ceramista actual considera o plagiato uma habilidade muito honrosa e edificante, pois todo se ufana a apresentar na sua fábrica, os trabalhos que outros conceberam e modelaram! Temos a certeza, que muitos, ignoram que isto é desonesto e condenável. Mas, felizmente, nas canecas, o mal ainda não é grandel. A grande maioria ainda são de feitura regional.

Alguns pensamentos

Aquele que pode suportar com firmeza graves ofensas, pode também vingar-se delas.

Séneca.

Aquele que nunca foi ferido, ri-se das cicatrizes.

Shakespeare

As acções são mais sinceras que as palavras.

M.elle de Senederó

Nas Canecas de Barcelos muito se podia fazer para seu bem e do seu fabricante! De entre as suas deficiências sobressai as de vidrado, por onde deviam começar imediatamente a melhorar. Não tem nada de difícil, nem constitui segredo; necessitam apenas de vontade, estudo e perseverança. A falta de recursos do nosso industrial não lhe permite tudo, mas pode fazer muito, se quiser.

M.

Ainda as Comemorações Nacionais do XXV Aniversário da Promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional

No Gabinete do delegado do I. N. T. P., reuniram-se, na passada segunda-feira, a comissão executiva e sub-comissões das celebrações nacionais do XXV aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional e do I da instituição das Corporações, a fim de apresentarem os documentos das receitas e das despesas ao Senhor Dr. Valentim de Almeida e Sousa.

Pelas 16,30 h., reuniu-se a comissão distrital de Braga do Plano de Formação Social e Corporativa, que tomou conhecimento dos trabalhos daquelas comissão e subcomissões e tratar da execução do plano de actividades programado.

Estiveram presentes os Senhores rev. dr. Xavier Monteiro, António Santos da Cunha, Adolfo Santos da Cunha, dr. Feliciano Ramos, Eng. Jorge Segismundo de Lima, padre António Luís Vaz, prof. Abílio da Conceição Fernandes, Adriano Fernandes Costeira, António Gomes Veiga, dr. José António Rodrigues de Faria, Manuel de Freitas Correia e José Moreira, representando a Hierarquia Católica, os municípios, os Grémios do Comércio, da Indústria e da Lavoura, os Sindicatos Nacionais e as Casas do Povo, os vários graus de ensino, a Imprensa e o I. N. T. P. Assistiu a esta reunião o Senhor Adolfo Lindoso, secretário geral das comemorações.

O Sr. Dr. Valentim de Almeida e Sousa, na sua qualidade de presidente da Comissão Distrital de Braga, agradeceu a presença dos membros presentes e saudou efusivamente o snr. dr. Feliciano Ramos, que, pela primeira vez, tomou parte nos trabalhos.

Referindo-se às comemorações nacionais, o delegado do I. N. T. P. esclareceu as funções que competiram aos órgãos criados para execução do programa e enalteceu a acção desenvolvida pela comissão executiva e suas subcomissões, às quais se devem o brilho e o êxito obtidos. Ao pôr em relevo a inexcedível devoção, o entusiasmo e a eficiência dessas comissões, o dr. Almeida e Sousa pediu que a comissão distrital do Plano de Formação aprovasse um voto de louvor às seguintes individualidades: dr. António Frutuoso de Melo, delegado do I. N. T. P. no Funchal, que esteve em Braga a prestar inestimável colaboração, Adolfo Lindoso, secretário geral, e Nar-

ciso Baía, chefe da secretaria e das comemorações. A comissão aprovou, por aclamação, o voto proposto.

O sr. António Santos da Cunha afirmou, depois, a sua absoluta concordância com as palavras e as intenções do presidente e acentuou que as comemorações trouxeram grande prestígio à Organização Corporativa e à cidade de Braga, razão pela qual pretende que, em nome do município bracarense, fique bem expresso o seu reconhecimento ao sr. dr. Almeida e Sousa e às comissões e subcomissões. As festas, disse, tiveram grandeza, variedade, ambiente e resultados que se refletem na projecção e no prestígio da Organização Corporativa que todos servimos. Por isso, continuou, é necessário não se ignorar que à frente de tudo esteve o comando, a direcção esclarecida, a vontade decidida, do delegado do I. N. T. P. Ao voto de louvor proposto haveria que acrescentar o nome do dr. Valentim de Almeida e Sousa.

O presidente da comissão distrital agradeceu as palavras do Snr. António Santos da Cunha e disse que nada mais tinha feito do que cumprir o seu dever. Continuando, afirmou que as comemorações tiveram maior solenidade em vista da presença do Ministro das Corporações e Previdência Social em todos os actos do programa. Propõe, portanto, que se agradeça àquele membro do Governo e às autoridades que tão diligente e interessadamente o acompanharam — o Chefe do Distrito, os presidentes dos municípios de Braga, Guimarães, Amares, Vila Nova de Famalicão, aos oradores, e Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz.

O Snr. Adolfo Santos da Cunha, no uso da palavra, salientou, por seu turno, o esforço desenvolvido e associa-se inteiramente às palavras em que o presidente da Câmara pôs em relevo a acção e comando do Dr. Almeida e Sousa.

Ficou estabelecido que uma delegação a designar se encarregue de fazer os agradecimentos pessoais propostos.

Na segunda parte dos trabalhos, a comissão ocupou-se da concretização do programa de actividades a desenvolver desde já, nomeadamente no que respeita à formação social e corporativa dos alunos dos estabelecimentos de ensino re-

Alfredo Carvalhais

«Primeiro de Janeiro» de 5-6-1946 sob o título «Dois poetas—dois destinos» e com o sub-título «Os restos mortais de António Nobre foram trasladados para o cemitério de Leça de Palmeira e os de Alfredo Carvalhais depositados num monumento votivo», referia-se nestes termos a Alfredo Carvalhais, poeta barcelense:

«Por um singular capricho do Destino, a essa mesma hora e naquele mesmo cemitério do Prado do Repouso, procedia-se, na Secção Privativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto, à exumação dos restos mortais dum outro talentoso e infelizmente poeta: Alfredo de Carvalhais — o meigo e apaixonado cantor da «Beatrice», nascido em Barcelos e falecido na capital do Norte, quando tinha somente 39 anos de idade.

Mais afortunado na morte do que na vida — pois a sua existência decorreria sempre agitada num torvelinho de tormentosa desventura — acolheram-no, misericordiosamente, num coval humilde, sob a bênção tutelar duma consagração póstuma e perene. Completando agora esse preito de simpática homenagem, os restos mortais daquele talentoso e inspirado poeta foram recolhidos numa pequenina urna e, juntamente com outras, serão sepultados sob um monumento votivo — no qual se gravarão, para todo o sempre, o nome e o apelido dum romântico trovador, em cuja lira, embora engrinaldadas de crepes, não deixou nunca de vibrar o mais puro sentimento dum constante e incompreendido amor...»

Os cães

Este soneto, que abaixo publicamos, da autoria do poeta barcelense Alfredo Carvalhais, deixa admirar o puro lirismo deste grande poeta, que «Silva Pinto considera o filho legítimo de Bocage». Este soneto serve de padrão para se aquilatar das grandes possibilidades criadoras do vate, que a morte bem cedo chamou a si. Camilo disse acerca dele o seguinte:

«Revelou-se de súbito este

poeta sarcástico. É realista dos mais avançados; conhece a língua portuguesa e a grivoise; antepôs a leitura aos desvarios da ideia moderna; descama pelo pôdre e pelo são; faz caricaturas quando borqueja tipos; faz monstruosidades espantosas de graça; obriga a gente a rir-se das misérias que, descritas doutro feitio, fariam chorar».

Não restam dúvidas que o seu temperamento, caldeado em retortas de graça, sabia esculpir estátuas de ridículo, que perderão como timbre da sua indole de poeta, mas de poeta que se perpetuará através do tempo. Lembrá-lo é não somente um dever nosso; mas uma obrigação.

A sífilis, o alcoolismo e a vida nocturna haviam de esfacelar depressa aquele que poderia deixar a Barcelos e a Portugal todo um mundo de composições, que enriqueceriam o valor poético nacional.

O seu temperamento, intensamente agitado, sempre pronto a perder-se nos vapores do alcool, havia de perdê-lo em pouco tempo.

E assim sucedera.

A doença perseguia-o e, em breve, cai num triste e infornável leito onde a solidão o devorava a pouco e pouco. Não teve grandes amigos e dos poucos, que em época de desvarios o acompanharam... só um, um único o não esqueceu. E assim faleceu despido de carinhos e de amor...

Os cães

Sempre os ameí. Destino semelbante
Parece untr-me áqueles visionários;
Como eles, beijo a mão fria, aviltante,
Que a cruz me impõe dos fúnebres calvários.

Como uns velhos filósofos lendários,
Andamos farejando a todo o instante,
Eles uns magros ossos solitários
Eu as visões que redimiram Dante.

Mas, obl da vida sempiterna luta
De nada vale a inpiração divina,
O fogo, o ferro, o cárcere, a cicuta...

Quando julgamos terminada a sina,
Encontro, em vez do amor, a prostituta;
Eles, em vez do pão, a strictina.

Alfredo Carvalhais

(Poeta barcelense)

ligioso, liceal e técnico. O presidente disse das dificuldades encontradas, no ano lectivo findo, em vista da falta de tempo.

O Snr. Dr. Feliciano Ramos prestou esclarecimentos acerca do que poderá fazer-se proveitosamente no liceu de que é Reitor e o Eng. Jorge Segismundo de Lima garantiu as possibilidades de actuação na escola técnica.

Estabeleceu-se vivo diálogo entre vários membros da comissão sobre os problemas em debate e, por fim, o reverendo Dr. Xavier Monteiro disse da acção a exercer nos seminários e nas palestras mensais do clero.

A reunião demorou cerca de 3 horas, o que, só por si, fala da vitalidade dos problemas tratados e do nível em que decorrem estes encontros.



Por JAIME FERREIRA

DEIXAMOS passar um número do "Boletim Social da TEBE", sem indicarmos as soluções dos problemas mencionados no "Boletim Comemorativo" do 5.º aniversário deste mensário "de trabalhadores para trabalhadores".

E deixamos passar, exactamente porque aguardávamos que alguém nos enviasse as respostas que achava adequadas a esses problemas e passatempos simples e de fácil compreensão.

Nada, porém, nos chegou às mãos, o que estranhámos sinceramente, por nos dar a impressão que já não há quem se interesse por estes assuntos charadísticos, que preenchem as horas vagas e que constituem um aliciante prazer para os momentos livres, que instruem sem fadiga, que educam sem massar...

A hora que passa, realmente, é de momento febril e todos procuram distrações materiais, esquecendo que as distrações do espírito são ainda as que maior valor encerram, pelo muito que contribuem para o desenvolvimento intelectual do homem.

Vamos, portanto indicar as soluções para os problemas insertos no número 60/61 — comemorativo do 5.º aniversário.

1.º — Pilha de palavras

L	A	P	S	O
A	R	O	M	A
A	R	R	O	Z
D	O	T	A	R
P	A	U	S	A
R	O	G	A	R
V	E	A	D	O
T	O	L	A	Z

2.º — Quantos livros?

O Antoninho comprou os seguintes livros:

$$2 \text{ de } 5\$00 = 10\$00$$

$$1 \text{ de } 4\$00 = 4\$00$$

$$3 \text{ de } 3\$00 = 9\$00$$

$$\text{Total } 23\$00$$

3.º — O custo do milho

Comprou 16 alqueires de milho de cada uma das qualidades, ou seja

$$16 \times 9\$50 = 152\$00$$

$$16 \times 10\$50 = 168\$00 \quad 320\$00$$

4.º — A merenda

Como os dois indivíduos que não pagaram teriam de dar 24\$00 e para o pagamento desta quantia, bastou que cada um dos outros desse 2\$40 o número destes é:

$$24\$00 : 2\$40 = 10$$

Portanto, o número de convidados foi de 12 e a despesa foi de esc. 120\$00.

5.º — Quem é que sabe?

- a) — Corvo.
- b) — Boavista.
- c) — Sal.
- d) — Urso.
- e) — Guarda.
- f) — Genebra.
- g) — Roca.

- h) — Finisterra.
- i) — Raso.
- j) — Kola.
- k) — Vermelho.
- l) — Como.
- m) — Boa Esperança.

6.º — Caso curioso

O facto passou-se no dia 1 de Outubro de 1938. Um dos rapazinhos nasceu às 23,30 horas; mas quando o relógio marcou meia-noite, foi atrazado de 60 minutos como estava estabelecido e posto a marcar pela segunda vez 23 horas, visto ser este o dia em que se mudava da hora de verão para a de inverno. Então, quando o relógio marcou (pela 2.ª vez) 23,15 horas nasceu o segundo rapazinho. E assim se explica como é mais velho o que nasceu às 23 horas e 30 minutos do que aquele que nasceu às 23,15 horas.

« PASTOR ET NAUTA »

JOÃO XXIII

É O 262.º SUCESSOR DE S. PEDRO

Foi com satisfação que o mundo católico acolheu a notícia da eleição do novo sucessor de S. Pedro.

Todos os cardeais, invocando Cristo Nosso Senhor, que um dia os julgará, escolheram o homem que pensaram merecia ser eleito, com a ajuda e graça de Deus.

Depois de colocarem os boletins de voto sobre uma patena, cada Cardeal, profundamente concentrado, curva-se diante do altar para, em seguida, voltar ao seu lugar.

Dois mil jornalistas, ansiosos por notícias, assistiram ao conclave, enganando-se alguns com a fumata.

A estas e outras normas, que se manterão através dos séculos, obedecem e obedecerão as eleições dos novos Papas.

*
"Quando um nome não reúne dois terços e mais um dos votos, com os boletins é queimada palha humedecida e o fumo é negro e quando o novo Papa é eleito, por ter recolhido aquele número de votos, o fumo é branco".

7.º — Que horas são?

Representando por x o tempo decorrido e por y o tempo a decorrer, será:

$$X \times Y = 24 \dots (1) \text{ — portanto } \frac{7Y}{8} = X \dots (2)$$

Do primeiro enunciado, fazemos:

$$Y = 24 - X \dots (3). \text{ Entrecalando esta aquação com o n.º (2),}$$

$$\text{temos } \frac{7(24 - X)}{8} = X, \text{ que nos dá para } X = 11,2, \text{ ou sejam 11 ho-}$$

ras e 2 décimos da hora.

Logo, portanto, eram 11 horas e 12 minutos.

8.º — Quadros mágicos

6	5	7
7	6	5
5	7	6

6	8	4
4	6	8
8	4	6

9.º — Quais as terras portuguesas?

- 1.º — Paúl.
- 2.º — Sardão.
- 3.º — Malpartida.
- 4.º — Bemposta.
- 5.º — Chaves.
- 6.º — Caminha.
- 7.º — Aveiro.
- 8.º — Assinuar.
- 9.º — Seda
- 10.º — Relíquias.
- 11.º — Algoz.
- 12.º — Cachopo.
- 13.º — Boa Fé.
- 14.º — Moura.

10.º — Vesúvio.

11.º — Volga.

12.º — Hieróglifos comprimidos

- 1.º — Damasquino.
- 2.º — Osculo.
- 3.º — Relva.
- 4.º — Cabisbaixo.
- 5.º — Deslise.
- 6.º — Alpista.
- 7.º — Limonada.
- 8.º — Marialva.
- 9.º — República.
- 10.º — India.

13.º — Meyerbeer.

14.º — Telemaco.

15.º — Asia Menor.

16.º — Amazonas.

17.º — La Paz.

18.º — 42 Kilómetros.

19.º — 1869.

20.º — Mississipi — Amazonas — Nilo.

Fundação Calouste Gulbenkian

BARCELOS, cidade de belas tradições, tem hoje, dentro dos seus muros, uma biblioteca itinerante.

E esta biblioteca tem uma função altamente educativa e social, pois interessa « a todos os habitantes, quer sejam crianças ou adultos, e tanto aos trabalhadores do campo como aos empregados, estudantes ou operários de qualquer especialidade. »

Como todos sabem já, é um serviço gratuito, apenas se exigindo de cada leitor a entrega dos livros dentro dos prazos marcados e em boas condições de conservação.

« Os livros vos darão um melhor conhecimento da História da vossa Pátria e da dos outros povos — o que é dizer: da História da Civilização e do Mundo. »

Por estas e mais razões todos devemos estar gratos à Fundação Calouste Gulbenkian por nos proporcionar salutaras condições de educação e de cultura.

« Dirigimo-nos principalmente aos novos. Esta biblioteca é vossa. Tratem-na com carinho, não sujando nem extraviando os livros que vos são confiados. Disso depende a boa continuidade deste serviço, cuja utilidade e alcance algum dia podereis verdadeiramente avaliar. »

INSTRUÇÕES para utilização das BIBLIOTECAS ITINERANTES

1

As bibliotecas itinerantes propõem-se o empréstimo de livros às pessoas residentes nas regiões abrangidas pelos seus itinerários.

2

Obedecendo a um horário previamente estabelecido, estas bibliotecas estacionarão, em dia antecipadamente determinado e em local fixo, durante o tempo necessário para atender o público.

3

Quem pretender inscrever-se como leitor deverá apresentar um CARTÃO devidamente preenchido e autenticado com o carimbo duma casa comercial da localidade. Esse carimbo não implica qualquer responsabilidade, para a casa comercial, quanto aos livros que venham a ser emprestados, sendo, apenas, a garantia de que são verdadeiras as declarações contidas no mesmo cartão.

4

Esse cartão, denominado CARTÃO DE LEITOR, deverá ser

sempre apresentado no acto da requisição de livros.

5

O cartão do leitor é válido para qualquer das bibliotecas da Fundação.

6

Os livros requisitados devem ser devolvidos à biblioteca que fez o empréstimo, mas nas regiões onde existam « Depósitos », servidos pela biblioteca que fez o empréstimo, podem os livros ser devolvidos a qualquer desses depósitos, devendo, neste caso, o leitor juntar a cada volume a indicação do número do seu cartão.

7

O empréstimo é gratuito.

8

Os livros são emprestados pelo período que decorra até à próxima visita da biblioteca, PRAZO que será indicado numa folha apenas a cada livro.

Este prazo pode ser ampliado para o dobro, quando se trate de livros de estudo ou de informação profissional ou técnica.

9

A quantidade de livros que cada leitor pode requisitar é variável conforme as disponibilidades e a periodicidade dos percursos, não devendo, em regra, exceder cinco volumes.

10

O leitor que não tenha devolvido os livros dentro do prazo estabelecido ficará responsável pelo valor de capa dos livros não restituídos.

Responderá, também, pelas deteriorações que não resultem do uso normal dos livros emprestados.

11

Enquanto a biblioteca não for indemnizada do prejuízo resultante da não restituição ou da deterioração dos livros emprestados, o respectivo mutuário não poderá beneficiar de novos empréstimos.

12

As pessoas que estejam a habitar temporariamente em qualquer localidade, e não sejam portadoras de um cartão passado pela biblioteca da área da sua residência permanente, poderão, apesar disso, beneficiar dos serviços de empréstimo, devendo, porém, prestar CAUÇÃO por depósito de uma quantia em dinheiro, correspondente ao valor dos livros que lhe forem confiados, ou oferecer fiador idóneo.

A caução será devolvida ao leitor logo que ele faça a restituição

Cantares do Minho

1

A fortuna da pessoa
Com ela deve nascer.
Eu procuro, não na acho;
Minha mãe, que'ide fazer?

2

Lencinho das quatro pontas,
anda guiar a verdade:
anda dizer o que viste
no outro domingo à tarde.

3

Se a Morte fosse int'resseira
ai! do pobre que seria?
O rico pagava à Morte,
Só o pobre é que morria.

4

A cantar e a bailar
Ganhei uma saia nova,
Inda 'spero de ganhar
Mais a fita para a roda.

5

Vou-me embora, levo pressa,
levo água de regar.
P'ra domingo falaremos,
qu'ê dia de mais vagar.

6

Quem quiser que a água regue
faça-lhe o rego bem feito;
quem queira ser bem tratado,
trate-me a mim com respeito.

7

Quem quiser que a água regue,
dê-lhe talho na levada;
quem quiser vencer a sua,
cale-se não diga nada.

8

Onze horas, meio dia,
quem não comer, enfraquece;
nas eras em que nós 'stamos
quem mais faz, menos merece.

9

O pobre pediu ao rico
um bocadinho de pão,
o rico lhe respondeu:
Vai-te embora, mandrião!

10

Papagaio das três penas,
dá-me uma pena de asa;
quero escrever ao amor,
a pena ficou-me em casa.

11

Fui a uma figueira aos figos,
Ataquei-me de marmelos:
Era numa quinta-feira,
Estava o dono p'ra Barcelos...

ção dos livros que lhe foram emprestados, no estado de conservação em que os recebeu, salvas as deteriorações inerentes ao uso ordinário, e dentro do prazo por que o empréstimo tiver sido concedido.

13

Quando uma obra seja constituída por vários volumes, a perda ou deterioração de um deles obriga ao pagamento de uma indemnização calculada na base do valor total da obra. O responsável pela indemnização poderá exonerar-se mediante a entrega à biblioteca de livros iguais aos que tenham sido extraviados ou deteriorados.

14

Quando um leitor inscrito não possa vir, ele próprio, requisitar os livros que pretende, poderá autorizar outra pessoa a fazê-lo em seu nome. A simples apresentação do cartão do leitor que não possa comparecer bastará como prova do mandato.

15

Os leitores podem solicitar o empréstimo de livros que a biblioteca não possua, devendo, nesse caso, justificar devidamente, por

escrito, o seu pedido, o qual será ou não atendido, conforme o Director do serviço julgar ou não conveniente.

Biblioteca Itinerante n.º 12

BARCELOS

ITINERÁRIOS

DIAS DE SEMANA

2.^a feira — Gamil, Barcelinhos e Gilmonde.

3.^a feira — Faial — Vila Boa e Abade do Neiva.

4.^a feira — Barcelos.

5.^a feira — Esposende.

6.^a feira — Arcozelo — Bairro Dr. Oliveira Salazar.

DOMINGOS

1.^o domingo — Pedra Furada, Macieira, Rates, Minhotães, Nine, Viatodos, Silveiros e Carvalhas.

2.^o domingo do mês — Feitos, Palme, Aldreu, Fragoso, Forjães, S. Paio de Antas, S. Bartolomeu do Mar e Marinhas.

3.^o domingo do mês — Pere-lhal, Fão e Vila Seca.

4.^o domingo do mês — Apúlia, Criez, Estela, Nabais, Laundos e Necessidades.